

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS LICENCIATURA**

RODRIGO BARROS MARTINS REZENDE

**GRAMÁTICAS COMPARADAS:
Um olhar sobre os argumentos verbais.**

**BRASÍLIA
2019**

RODRIGO BARROS MARTINS REZENDE

GRAMÁTICAS COMPARADS:

Um olhar sobre os argumentos verbais.

Artigo apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Letras, pelo Curso de Letras, Português
da Universidade de Brasília - UnB

Orientador: Prof. Dr. Paulo Medeiros Junior

BRASÍLIA

2019

GRAMÁTICAS COMPARADAS: Um olhar sobre os argumentos verbais.

Rodrigo Barros Martins Rezende*

Dr. Paulo Medeiros Junior**

Resumo: Além de apresentar visões de autores relacionados à gramática tradicional e de outros da gramática descritiva sobre o assunto dos argumentos verbais, pretende-se apresentar reflexões sobre a maneira de como as gramáticas abordam a questão dos modelos de predicação verbal, isto é, de como os verbos – palavras predicativas por natureza – são classificados segundo sua predicação.

Palavras-chave: Predicação. Argumentos verbais. Transitividade verbal. Regência verbal.

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em predicação verbal, entre os falantes do Português do Brasil, observam-se, comumente, dúvidas quanto à classificação dos verbos da língua em relação a esse aspecto. Entre outras razões, os falantes da língua podem encontrar dificuldades em várias situações em função da própria estrutura da classificação ou ainda em decorrência de que os nossos verbos normalmente possuem, segundo a visão tradicional, mais de uma classificação.

Nesse sentido, pretende-se apresentar essa temática segundo as visões da gramática tradicional e da gramática descritiva para apresentar alguns questionamentos sobre o assunto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme (Mateus et al, 2003), a noção de predicação não envolve tão somente as relações entre o que tradicionalmente se designa sujeito e predicado, mas também aquelas relações que ocorrem entre um núcleo lexical, como um verbo, e os seus argumentos.

* Estudante do curso de Letras Português Licenciatura da Universidade de Brasília em conclusão da graduação. barrosmrrodrigo@yahoo.com.br

** Professor orientador, Dr. Paulo Medeiros Junior. Docente do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. medeirosjunior33@gmail.com. [Http://lattes.cnpq.br/7419993145760201](http://lattes.cnpq.br/7419993145760201).

Assim, quando se fala em predicação, não só verbos, mas outras palavras como o adjetivo *fiel*, o substantivo *destruição*, a preposição *para*, o advérbio *longe*, funcionam como palavras predicativas, pois é possível associar argumentos próprios a elas, isto é, essas palavras necessitam de argumentos, ou seja, de informações que se relacionam com o seu conteúdo semântico, uma vez que essas palavras nos levam aos seguintes questionamentos imediatos: quem ou o que é fiel? A que ou a quem algo é fiel? O que ou quem foi destruído? Quem ou o que destruiu? Para onde ou para quem? Longe de quê? Ou longe de quem?

Assim, constitui a especificação lexical mínima de uma palavra predicativa a estrutura argumental dessa palavra, isto é, a indicação do número e da natureza dos seus argumentos.

Assim, para a descrição da estrutura argumental de um verbo, primeiramente, faz-se necessário indicar o número de argumentos que ele exige. Assim, há verbos com:

a. Zero argumentos:

(1) Hoje amanheceu às 5h43min.

b. Um argumento (predicado unário):

(2) A Maria gritou, porque teve um pesadelo.

c. Dois argumentos (predicado binário):

(3) O Boavista venceu o campeonato em 2001.

d. Três argumentos (predicado ternário):

(4) O Pedro emprestou os apontamentos de física ao João.

Em seguida, um segundo aspecto de análise na descrição da estrutura argumental de um verbo é a realização categorial que o verbo especifica para cada um dos seus argumentos. Isso se relaciona às propriedades de seleção categorial,

isto é, a especificação categorial dos argumentos exigidos por uma palavra predicativa.

Para exemplificar esse aspecto, nas frases a seguir, ambas respeitam o número de argumentos exigidos pelo verbo, mas, em (6) e em (8), a frase é agramatical.

- (5) A Rita mora em Londres.
- (6) A Rita mora Londres.
- (7) O João acredita em fantasmas.
- (8) O João acredita fantasmas.

Nesse sentido, entende-se que não é qualquer classe gramatical, palavra ou sintagma que pode ser argumento de um verbo, isto é, o verbo define alguns critérios ou algumas categorias para a seleção de seus argumentos.

Por fim, para a descrição da estrutura argumental de um verbo, em terceiro lugar, faz-se necessário observar o papel temático ou papel semântico que cada argumento selecionado pelo verbo tem, isto é, o tipo de relação semântica que associa cada argumento ao verbo que o seleciona.

Para exemplificar esse aspecto, nas frases a seguir, ambas respeitam o número de argumentos exigidos pelo verbo e a realização categorial, mas, em (10), a frase é agramatical.

- (9) O João pôs o livro na estante.
- (10) O João pôs o livro para a estante.

Há uma lista mínima de papéis temáticos necessários à descrição da estrutura argumental de um verbo: Agente, Fonte, Experienciador, Locativo, Alvo e Tema.

O Agente é o papel temático do argumento que designa a entidade controladora, tipicamente humana, de uma dada situação.

Fonte é o papel temático do argumento que designa a entidade que está na origem de uma dada situação, embora sem a controlar.

Experienciador é o papel temático do argumento que designa a entidade que é a sede psicológica ou física de uma dada propriedade ou relação.

Locativo é o papel temático do argumento que exprime a localização espacial de uma dada entidade.

Alvo é o papel temático do argumento que designa a entidade para a qual algo foi transferido, num sentido locativo ou não. O alvo pode designar um ser humano, quando as frases descrevem situações de mudança de posse ou de comunicação linguística, ou um lugar, quando as frases descrevem situações de mudança de lugar.

Tema é o papel temático do argumento que designa a entidade que muda de lugar, de posse ou de estado, em frases que descrevem situações dinâmicas.

Ainda Conforme (Mateus et al, 2003), o número e a natureza dos argumentos de um verbo estão estreitamente ligados à natureza aspectual desse verbo, da qual depende o tipo de situação que o verbo e seus complementos podem exprimir.

Assim, um verbo pode ser denominado estativo ao exprimir um estado (situações não dinâmicas: nenhuma das entidades envolvidas sofre qualquer alteração ou transição durante o intervalo de tempo em que essas situações têm lugar) ou não estativo ao exprimir uma situação não estativa (situações dinâmicas: pelo menos uma das entidades realiza ou sofre um dado “fazer” – de natureza física, fisiológica ou psíquica – ou muda eventualmente de lugar).

Os exemplos a seguir ilustram exemplos de verbos estativos e não estativos respectivamente:

(11) O João está deitado.

(12) A Maria guiou o jipe do Pedro.

As situações dinâmicas diferem entre si por tenderem ou não para um fim, isto é, por serem respectivamente télicas ou atélicas, por terem ou não uma duração e ainda por terem ou não um estado resultante.

As situações dinâmicas atélicas são chamadas de processos. Esses processos são estados de coisas com uma duração apresentada sem delimitação.

As situações dinâmicas télicas distinguem-se pela duração: chama-se processos culminados àquelas que têm uma duração razoavelmente longa, enquanto àquelas que são apresentadas como tendo uma breve duração ou nenhuma duração são chamadas de culminações e pontos.

Os pontos são situações que não têm como uma de suas componentes um estado consequente, diferentemente dos processos culminados e das culminações.

Seguem exemplos:

- (13) A pedra rebolou com o vento durante uma hora. (processo)
- (14) A Ana levou dois anos a escrever um romance. (processo culminado)
- (15) O menino nasceu às sete horas. (culminação)
- (16) O João espirrou. (ponto)

É possível estabelecer relações entre a tipologia aspectual de um verbo e a estrutura argumental.

Verbos estativos

Uma das classes de verbos estativos são os verbos existenciais como haver, existir e ser. Esses verbos são predicados unários, que selecionam um argumento Tema.

Exemplo:

- (17) Os fantasmas não existem.

Verbos locativos de dois lugares (predicados binários) com um argumento Tema e um Locativo, incluindo-se, entre eles, verbos de posse cujo argumento que designa o possuidor pode ser encarado como um Locativo em sentido abstrato também se incluem entre os estativos.

Exemplos:

- (18) O João mora em Lisboa.
- (19) O João tem um veleiro de doze metros.

Verbos epistêmicos como saber, verbos perceptivos como ver e verbos psicológicos não causativos como gostar também são estativos e exigem predicados binários, que selecionam um argumento Experienciador e um Tema.

Exemplos:

- (20) O João sabe Mandarim.
- (21) Ela não viu o carro.
- (22) O João gosta de gelado de framboesas.

Verbos copulativos também são estativos e exigem um argumento apenas, o Tema.

Exemplo:

- (23) O Pedro é dono de uma coudelaria de cavalos lusitanos.

Verbos de processo

Verbos meteorológicos, verbos inergativos de atividade física e verbos de movimento exprimem, em geral, processos.

Verbos transitivos também podem exprimir processos, desde que haja incorporação do objeto ou plurais simples ou massivos como objetos.

Exemplos:

- (24) Choveu toda a noite.
- (25) O bebê chorou horas.
- (26) O João corre de manhã.
- (27) Ele já comeu.
- (28) A Rita pinta quadros.
- (29) A Rita bebe água quando tem sede.

Verbos de processo culminado

Tipicamente, são os verbos binários ou ternários de tipo causativo ou agentivo, geralmente num tempo do passado que contribua para a leitura de perfectividade e em que o argumento interno, com a relação de Tema ou outra, exprime o resultado ou a entidade criada ou afetada pelo processo.

Exemplos:

- (30) A tempestade destruiu as colheitas.

- (31) O João deu o quadro ao filho.
(32) O vento deslocou os blocos para o meio da rua.

Verbos de culminação

São os predicados unários de movimento, de aparecimento e desaparecimento em cena, de mudança de estado: chegar, sair, nascer, morrer, falecer, murchar, enegrecer, rejuvenescer. Trata-se de verbos inacusativos em que o argumento selecionado para sujeito é, geralmente, Tema.

Exemplos:

- (33) O Pedro chegou tarde ao emprego.
(34) A vítima do assalto faleceu.
(35) A revista saiu ontem da tipografia.

Incluem-se, nesse tipo, alguns verbos binários que exigem um Agente ou uma Fonte como argumento externo e um Tema como argumento interno e exprimem processos culminados na construção causativa, mas que possuem uma variante com leitura de culminação na construção anticausativa com o mesmo argumento interno Tema da causativa funcionando como sujeito.

Exemplos:

- (36) O vento partiu o vidro da janela.
(37) A janela partiu-se.
(38) O calor derreteu a manteiga.
(39) A manteiga derreteu-se.

Ademais, incluem-se, nesse tipo, alguns predicados binários ou ternários com um Agente ou uma Fonte como argumento externo e um Tema como argumento interno, mas que, pelo seu significado lexical, denotam um processo pontual, como ganhar, conseguir, pedir, descobrir.

Exemplos:

- (40) O João descobriu a solução do problema.

(41) O Luís concluiu que a hipótese estava mal formulada.

(42) O professor pediu aos alunos que não fumassem.

Verbos pontuais

São geralmente os verbos com um argumento Tema ou Experienciador selecionado para sujeito.

Exemplos:

(43) A Maria espirrou.

(44) O público suspirou de alívio.

Por fim, em se tratando da sintaxe, entre as propriedades lexicais relevantes dos verbos e de outras palavras predicativas, destacam-se as propriedades de seleção categorial e semântica.

Assim, para se harmonizar as propriedades lexicais e a projeção dessas propriedades na estrutura sintática, deve-se considerar que a entrada lexical de uma palavra predicativa é uma lista não ordenada de categorias sintáticas dos argumentos respectivos e de papéis temáticos a eles associados e que existe uma Hierarquia Temática, que se presume universal, quanto à projeção desses argumentos na sintaxe, como a do tipo que se indica abaixo:

1. Agente
2. Locativo, Alvo
3. Tema.

Isso se faz necessário para não ocorrer sequências agramaticais como a mostrada a seguir:

(45) O João ofereceu um livro à Maria. (gramatical)

(46) Um livro ofereceu o João à Maria. (agramatical)

Assim, essa Hierarquia Temática estabelece a ordem pela qual os argumentos são escolhidos para preencher as funções sintáticas nas construções.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente, a pesquisa selecionou escritores e obras de gramáticas tradicionais e gramáticas descritivas entre as disponíveis na biblioteca da Universidade de Brasília. Em seguida, depois de uma breve fundamentação teórica sobre a temática, buscou-se apresentar os modelos de como cada autor enxerga a maneira em que os verbos se organizam segundo sua predicação. Assim, pretende-se descrever a classificação dos verbos segundo a predicação, conforme os variados entendimentos de cada um dos autores selecionados. Por fim, emitem-se algumas opiniões sobre o assunto a título de considerações finais.

4. RESULTADOS

Apresentam-se as visões dos principais autores da gramática tradicional e da gramática descritiva sobre a temática da predicação verbal.

4.1. A visão da Gramática Tradicional

Conforme Paschoalin (1996), quanto à predicação, os verbos se classificam em intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto e de ligação. Conforme a autora, os intransitivos são aqueles que trazem em si a ideia completa da ação, sem necessitar, portanto, de um outro termo para completar o seu sentido. Podem, sozinhos, formar os predicados ou aparecerem acompanhados de palavras ou expressões indicativas de circunstâncias como lugar, tempo, modo, intensidade; os transitivos diretos são aqueles que não trazem em si a ideia completa da ação e necessitam, portanto, de um outro elemento para completar o seu sentido sem exigência de preposição; os transitivos indiretos diferem dos diretos apenas quanto à exigência da preposição; os transitivos diretos e indiretos apresentam dois complementos, ou seja, a ação contida no verbo transita para o complemento direta e indiretamente ao mesmo tempo; os verbos de ligação, por não expressarem ação, e sim estado, não são significativos. Esses verbos ligam o sujeito às suas características.

De acordo com Luft (1997), as classes de verbos são as seguintes: de ligação, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto e intransitivo.

Segundo o autor, os verbos de ligação ligam ao sujeito uma noção de essência ou estado; os transitivos diretos têm o sentido completado por um sintagma substantivo objeto direto, assim chamado por se ligar ao verbo diretamente, sem preposição; os verbos transitivos indiretos se constroem com objeto indireto, ou seja, um sintagma substantivo regido obrigatoriamente de preposição.

Ainda segundo o autor, os transitivos indiretos podem ser divididos em alguns tipos, e um desses tipos seria aqueles verbos que se constroem com um complemento (não adjunto) adverbial de lugar, a exemplo dos verbos *ir*, (*a* ou *para*), *voltar* (*de* ou *a*), *viajar* (*para*), *morar* (*em*), *sair* (*de*), *entrar* (*em*, *para*) entre outros; os transitivos diretos e indiretos são aqueles verbos que regem dois objetos, um direto e outro indireto; os intransitivos são aqueles verbos que se constroem sem complemento, são de predicação completa, podem conter toda a significação do predicado sem acréscimo de objeto.

Ainda segundo o autor, há verbos intransitivos relacionados a fenômenos naturais e acontecimentos, a exemplo de: *chover*, *trovejar*, *ventar*, *gear*, *nascer*, *morrer*, *acontecer*, *cair*, *crescer*, *doer*, *dormir*, *ocorrer*, *suceder*, *tremor* e outros, e há os relacionados a ações, a exemplo de: *brincar*, *caminhar*, *correr*, *viajar*, *voar* e outros. Também para esse autor, certos intransitivos podem usar-se transitivamente, com objetos diretos, de forma que essa transitivação consiste em desenvolver o conteúdo de um verbo intransitivo apondo-lhe um substantivo da mesma raiz (cognato) ou somente da mesma significação (objeto direto interno ou intrínseco), exemplo: *viveu uma vida pacata* ou *morreu uma morte natural* ou ainda *chorei lágrimas de sangue*.

De acordo com Infante (2001), segundo a transitividade, os verbos se classificam em intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos. Para ele, os verbos intransitivos não necessitam de complementos. Em relação aos verbos *chegar* e *ir*, o autor alerta que esses termos normalmente são acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar e que, para indicar direções, a língua culta exige as preposições *a* e *para*. Ainda segundo o autor, os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos: isso significa que não exigem qualquer preposição para o estabelecimento da relação de regência. Já os transitivos indiretos, para o autor, são complementados por objetos indiretos: isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da

relação de regência. Por fim, o autor indica que os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um indireto.

Segundo Bechara (2009), o predicado de uma oração pode ser simples ou complexo, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Bechara propõe que há verbos cujo conteúdo lexical é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam argumentos ou complementos verbais. Ainda segundo o autor, os verbos que precisam dessa delimitação semântica recebem o nome de transitivos, e os que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas e não necessitam de outros signos léxicos são chamados de intransitivos, e seu predicado é nomeado como simples.

O autor ainda afirma que um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga. Ele afirma ainda que os complementos podem ser, entre outros, o complemento direto, o complemento direto preposicionado, o complemento indireto, o complemento relativo, o complemento predicativo, que seria o complemento dos verbos de ligação. Por fim, o autor conclui que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, mas mais pertencente ao léxico do que à gramática.

De acordo com Cegalla (2010), os verbos se classificam em intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos, de ligação e ainda indica uma classificação de verbos vicários. Segundo o autor, os intransitivos são aqueles que não precisam de complemento, pois têm sentido completo; os transitivos diretos são os que pedem um objeto direto, isto é, um complemento sem preposição; os transitivos indiretos são os que reclamam um complemento regido de preposição, chamado objeto indireto; os transitivos diretos e indiretos são os que se usam com dois complementos concomitantemente, um objeto direto e outro indireto; os de ligação são os que ligam ao sujeito uma palavra ou expressão chamada predicativo; os vicários são os que substituem outro verbo na mesma frase e que se empregam para evitar a repetição do que foi expresso antes.

Para Lima (2011), em função do tipo de complemento que requerem para formar uma expressão semântica, os verbos se classificam em: intransitivos,

transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos relativos, transitivos circunstanciais e bitransitivos. Conforme o autor, os intransitivos encerram, em si a, a noção predicativa e dispensam quaisquer complementos; os transitivos diretos exigem a presença de um objeto direto; os transitivos indiretos pedem a presença de um objeto indireto; os transitivos relativos apresentam um complemento preposicional, chamado relativo; os transitivos circunstanciais requerem um complemento preposicional ou não, chamado de circunstancial e os bitransitivos têm concomitantemente um objeto direto e um indireto ou um objeto direto e um complemento relativo.

Segundo Sacconi (2011), há 5 tipos de verbos, que se classificam em transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto, intransitivo e de ligação. Conforme o autor, o transitivo direto transita diretamente para o complemento sem a ajuda de preposição; o transitivo indireto transita indiretamente para o complemento com a ajuda de preposição; o transitivo direto e indireto se liga direta e indiretamente ao complemento e antigamente se chamava bitransitivo; o intransitivo é o que tem sentido completo, por isso não precisa de nenhum complemento. Por último, o verbo de ligação é aquele que não indica ação alguma por parte do sujeito, é vazio de significado, já que sozinho não apresenta nenhuma noção.

De acordo com Cunha & Cintra (2013), os verbos se classificam em verbos de ligação, intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos. Para esses autores, os verbos de ligação ou copulativos servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal; os intransitivos são não transitivos, ou seja, a ação não vai além do verbo; os transitivos diretos são aqueles em que a ação verbal se transmite a outros elementos da oração (objeto direto) diretamente, sem o auxílio da preposição; os transitivos indiretos são aqueles em que a ação verbal transita para outros elementos da oração (objeto indireto) sem o auxílio da preposição; os transitivos diretos e indiretos são aqueles em que a ação verbal transita para outros elementos da oração, a um tempo, diretamente, e a outro, indiretamente.

De acordo com Cereja (2016), conforme a predicação, os verbos se classificam em intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e de ligação. Segundo o autor, os verbos intransitivos não exigem complementos, pois a ação indicada por esses verbos dizem respeito apenas ao

sujeito e não se estendem a outros seres; já os verbos transitivos diretos precisam de um complemento, que se liga ao verbo diretamente, sem preposição; os transitivos indiretos precisam de um complemento, que se liga ao verbo indiretamente, com preposição; os transitivos diretos e indiretos precisam de mais de um complemento: um que se liga diretamente (objeto direto) e um que se liga indiretamente (objeto indireto); já os verbos de ligação são aqueles que unem o sujeito aos seus atributos (estado, qualidade, características). O autor indica que, para identificar a predicação de um verbo, é preciso observar sempre o contexto em que ele está inserido, já que um mesmo verbo pode apresentar diferentes sentidos e predicções como o verbo virar.

Cereja (2016) ainda apresenta uma lista de verbos segundo a regência. O autor apresenta os verbos chegar e ir como intransitivos e que exigem a preposição a quando indicam lugar.

4.2. A visão da Gramática Descritiva

De acordo com Perini (2008), uma forma – não absoluta – de classificar os verbos é segundo a valência, e essa classificação indica que existem as seguintes possibilidades de classes – não homogêneas: os verbos transitivos, os ergativos e os transitivos ergativos.

Segundo o autor, o verbo *encher* é um transitivo ergativo, pois pode ser utilizado nas construções a seguir:

(47) O frentista encheu o tanque.

(48) O tanque encheu.

Já o verbo *enviar* seria transitivo, pois aceitaria apenas a construção em (49), e não a em (50).

(49) O marido enviou as cartas.

(50) As cartas enviaram.

Por fim, o verbo desmaiar ou o desaparecer seriam ergativos, pois admitiriam apenas as construções em (51), mas não as construções em (52).

(51) A menina desmaiou. / A menina desapareceu.

(52) O namorado desmaiou a menina. / O namorado desapareceu a menina.

Segundo Castilho (2009), em função de sua complementação, ou seja, em função da natureza dos argumentos, os verbos podem ser classificados em verbos sem argumentos, verbos transitivos, verbos bitransitivos, verbos inacusativos e inergativos, verbos de alçamento e verbos leves. De acordo com o autor, exemplos de verbos sem argumento seriam aqueles que expressam fenômenos da natureza como ventar, escurecer, amanhecer, garoar, já que não pedem argumentos interno nem externo.

Já os transitivos envolvem verbos de ação usados na voz ativa, a exemplo do verbo comer. Os bitransitivos seriam a classe dos verbos transitivos direto e indireto da gramática tradicional, ou seja, verbos que exigem um argumento externo e dois argumentos internos. Essa classe está representada tipicamente por verbos de transferência de posse e verbos de posicionamento, a exemplo dos verbos dar e colocar. Já os verbos inacusativos são aqueles cujo único argumento está associado à posição de complemento, como os verbos sumir, cair, desaparecer, e os inergativos são os que o único argumento está associado à posição de especificador de sintagma verbal (SV), como tossir, espirrar, dormir. Já os verbos de alçamento são aqueles cujo sujeito é argumento de um predicador. Esses verbos englobam os chamados verbos de ligação da gramática tradicional e verbos auxiliares. Por fim, os verbos leves são os verbos *dar* e *ter* em construções do tipo:

(53) Os alunos costumam dar risadas demais nas aulas.

(54) Minha filha costuma ter medo demais de insetos.

Nesses casos, esses dois verbos têm conteúdo mais gramatical que semântico, cuja função primordial é a de formar predicados complexos, associando propriedades verbais (como tempo, por exemplo) a seu complemento.

Segundo Neves (2011), uma das formas de se classificar os verbos que constituem predicados ocorre conforme a transitividade. Nessa classificação, está implicada a valência verbal, ou seja, a capacidade de os verbos abrirem casas para preenchimento por termos (sujeito e complemento), o que compõe a estrutura argumental. Segundo essa classificação, há complementos (objetos pacientes de

mudança, ditos afetados) e há o sujeito agente, dito causativo. Nos objetos diretos, sem preposição, é possível uma classificação segundo o tipo da mudança no objeto paciente: se o objeto passa a existir (55), se o objeto deixa de existir (56), se há alteração física no objeto (57), se há mudança na localização do objeto (58), se há mudança provocada por um instrumento que está implicado no próprio verbo (59), se há mudança superficial no objeto (60) e se há mudança interna no objeto (61).

(55) Minha mãe fez um bolo.

(56) A equipe demoliu a casa velha.

(57) O frio racha a boca.

(58) O menino mudou o livro de uma prateleira para outra.

(59) O serrador põe-se a serrar a tábua.

(60) O ourives limpou a jóia.

(61) O chef de cozinha temperou a carne maravilhosamente.

Ainda segundo essa classificação, há os verbos cujo objeto não sofre mudança física, isto é, o objeto não é um paciente afetado. Esses verbos podem vir acompanhados de preposição ou não como em (62) e (63) respectivamente.

(62) Quando você vai a São Paulo?

(63) O Brasil aplaudiu essa maneira de administrar.

Ainda nessa classificação de Neves, há os verbos que possuem dois complementos, um não preposicionado e um preposicionado, como em (64). Exemplos desses verbos: mandar, enviar.

(64) O rapaz enviou cartas à sua namorada.

Há, ainda, os verbos com complementos oracionais. Nesse caso, de forma geral, o complemento do verbo é uma outra oração. Nessa classificação, há uma classe de verbos em que existe uma relação de pressuposição ou de implicação entre a oração completiva e a principal, e esses verbos se classificam em factivos, implicativos, causativos e verbos “somente se”.

A outra classe diz respeito aos verbos de elocução, que são aqueles que induzem discursos: diretos ou indiretos. Em relação à primeira classe, os factivos têm a propriedade de implicar, por parte do falante, a pressuposição de que a proposição completiva é factual (isto é, o fato expresso na oração completiva é verdadeiro). Já os implicativos envolvem a noção de condição necessária e suficiente, que apenas determina se o estado das coisas descrito na oração completiva ocorre ou não. Os causativos são verbos implicativos menos perfeitos ou implicativos simples, já que indicam uma condição suficiente, e não uma condição necessária e suficiente ao mesmo tempo. Os verbos “somente se” indicam uma condição necessária, mas não uma condição suficiente.

Por fim, entre os verbos que constituem predicados, Neves ainda cita os verbos suporte, chamados também de verbos funcionais, verbos gerais, verboides e verbalizadores. Esses verbos têm significado bastante esvaziado e formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua.

Seguem exemplos de cada um desses tipos de verbos:

- (65) Notei que ele continuava me olhando de maneira esquisita. (factivos)
- (66) Os pais que entram com ações na justiça perdem o direito à matrícula ou não conseguem que os filhos assistam normalmente às aulas. (implicativos)
- (67) A classificação de suspeita não significa que a estaca seja condenada. (causativos)
- (68) Eu sei que posso transformar você num grande ídolo internacional. (verbos somente se)
- (69) O gordinho gritava que aquilo era um desconforto. (elocução)
- (70) Odete deu um grito, alguém acendeu a luz. (verbo suporte)

Já em relação aos verbos que não constituem predicados, Neves os classifica em quatro tipos: modalizadores, aspectuais, verbos auxiliares de tempo e verbos auxiliares de voz.

Os verbos modalizadores são verbos que se constroem com outros para modalizar os enunciaodos, especialmente para indicar modalidade epistêmica (ligada ao conhecimento) e deôntica (ligada ao dever). Esses verbos indicam,

principalmente: necessidade epistêmica, possibilidade epistêmica, necessidade deôntica e possibilidade deôntica.

Os aspectuais formam perífrases ou locuções que indicam início, desenvolvimento, término, resultado ou a repetição de um evento ou ainda consecução, intensificação ou aquisição de estado.

Os verbos auxiliares de tempo são os verbos ter e haver com particípio para formar tempo composto de passado ou o verbo ir com infinitivo de outro verbo para indicar futuridade.

Os verbos auxiliares de voz são os verbos ser e estar seguidos de particípio de outros verbos para formar a voz passiva.

Seguem exemplos de cada um desses verbos que não constituem predicados:

(71) E você deveria ser uma espécie de teólogo ou guru da nova doutrina.

(modalizadores)

(72) Pus-me a caminhar, enquanto a noite baixava. (aspectuais)

(73) A empresa havia decidido retirar esse ponto do acordo. (verbo auxiliar de tempo)

(74) O pagamento será feito antecipadamente. (verbo auxiliar de voz)

5. DISCUSSÃO

Logo de início, nota-se que a gramática descritiva possui mais e melhores critérios para a classificação de verbos segundo a predicação. A visão da gramática tradicional parece ser simplificada.

De forma geral, a gramática tradicional classifica os verbos, segundo sua predicação, em intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos direto e indireto e verbos de ligação. O intransitivo é aquele que tem sentido completo e não necessita de complemento. O transitivo necessita de um complemento para completar seu sentido, e esse complemento pode se ligar ao verbo diretamente, isto é, sem preposição no caso dos transitivos diretos, e indiretamente, isto é, com preposição no caso dos transitivos indiretos. Os transitivos direto e indireto necessitam de dois complementos, um que se liga indiretamente e outro,

diretamente. Já o verbo de ligação seria aquele que liga ao sujeito uma palavra ou expressão chamada predicativo.

Assim, parece nítido que, entre vários aspectos passíveis de análise no tema predicação verbal, entende-se que a gramática tradicional se ateve à questão da exigência ou não de argumentos internos e à forma como o verbo se liga a esses argumentos internos: se com ou sem preposição. Assim, entende-se que essa forma de classificar os verbos se deve à possibilidade de essa classificação ter uma maior objetividade.

Ocorre que essa classificação enfrenta problemas, Ora, se a gramática tradicional define que um verbo transitivo direto se liga ao seu argumento interno, chamado de objeto direto, sem o intermédio de uma preposição, resta a dúvida da independência dessa classificação se essa mesma gramática tradicional admite a existência do objeto direto preposicionado, isto é, o verbo continua sendo transitivo direto, mesmo se ligando ao seu argumento interno com uma preposição, como nas frases a seguir.

(75) O convidado comeu o bolo.

(76) O convidado comeu do bolo.

Para resolver esse problema, entende-se que a gramática tradicional relata que as análises de classificação da transitividade verbal precisam levar em conta o contexto em que os verbos estão inseridos, uma vez que um mesmo verbo pode apresentar mais de um sentido. Ainda conforme a gramática tradicional, os conceitos relativos à predicação verbal não são absolutos e se relacionam mais ao léxico verbal que à própria gramática.

Entende-se, porém, que talvez não haja a necessidade da existência do objeto direto preposicionado, já que estaria implícita a existência de um termo entre o verbo e a preposição “de” em (76), qual seja, o substantivo *fatia* ou sinônimo – termo próximo ao léxico de *bolo* – de tal forma que a preposição “de” não estaria ligada ao verbo, mas sim a esse termo *fatia*, e faria parte de um sintagma nominal relativo ao objeto direto: “*fatia do bolo*”, e não ao sintagma preposicional “*do bolo*”. Dessa forma, o argumento interno do verbo *comer*, nesse caso, continuaria sendo um objeto direto apenas.

Quanto aos verbos de movimento *chegar* e *ir*, registra-se que há autores tradicionais que o classificam como intransitivo, mas, ao mesmo tempo, definem que esses verbos exigem a preposição “a” quando indicam lugar. Assim resta a dúvida se esse verbo seria mesmo intransitivo ou transitivo indireto, ou se a presença da preposição precisaria ser levada em conta na classificação verbal, ou se os verbos necessitariam ser classificados segundo seu léxico ou sentido ou ainda se haveria ou não uma diferença entre complemento verbal e adjunto adverbial, isto é, se um adjunto adverbial seria um tipo de complemento verbal.

Nesse sentido, entende-se que a gramática descritiva se aproxima mais da realidade fática do contexto da predicação verbal, já que sua classificação parece se fundamentar mais no sentido ou léxico relacionado a cada verbo, além de levar em consideração os papéis temáticos, a tipologia aspectual.

Ademais, a gramática descritiva inclui, entre os argumentos de um verbo, o sujeito, ao passo que a gramática tradicional parece mais focar nos argumentos internos. A gramática descritiva faz referência até mesmo aos verbos com zero argumento, ou seja, verbos que nem mesmo exigem sujeito e complementos. Já a gramática tradicional, segundo os autores pesquisados, não faz referência expressa a verbos sem argumentos, isto é, verbos sem sujeito e sem argumentos internos.

Por um lado, a gramática tradicional admite o sujeito inexistente como uma das classificações de tipos de sujeito e, por outro, quando classifica os verbos quanto aos seus complementos, não cita esses verbos das orações para as quais não há sujeito. Assim, para a gramática tradicional, nos casos de orações sem sujeito, o que ocorre com verbos que expressam fenômenos da natureza, como *chover*, na frase em (77), esses verbos são tão intransitivos quanto os verbos das frases em (78) e (79), só que, nestes últimos, o sujeito está presente como um argumento. Assim, entende-se haver uma necessidade de um maior aprofundamento por parte da gramática tradicional quanto a esse aspecto. Por fim, há que se pensar ainda se o sujeito seria mesmo um termo essencial da oração, já que a gramática tradicional admite a existência de orações sem esse argumento externo.

(77) Choveu muito ontem no sul do país.

(78) Eu espirrei.

(79) A criança tossiu.

Diante do exposto, entende-se que a gramática tradicional pode falhar em sua teoria ou explicá-la de forma deficitária, entre outros motivos, pela forma como apresenta os mais diversos conceitos da gramática. A exemplo disso, conforme Leite & Figueredo (2010), a gramática tradicional apresenta os assuntos de forma sintética e se limita a exemplos. Os autores ainda citam Perini (1996; p.162), que afirma que a maneira como a gramática tradicional apresenta o conceito de transitividade verbal leva a crer que, sempre que um verbo transitivo estiver em uma oração, um objeto direto ou indireto deverá estar presente também ou, quando existir um verbo intransitivo em uma oração, não poderá existir um objeto direto ou indireto.

Além disso, Castilho (2011), em sua abordagem multissistêmica da linguagem, baseada na epistemologia das ciências complexas, como que num ciclo, cita que a linguagem é um processo dinâmico, um conjunto articulado de processos, dada a sua dialogicidade constitutiva, sua sintaxe biaxial. Esses traços desaconselham uma descrição separada por níveis de análise. Assim, talvez, as falhas das gramáticas tradicionais possam estar relacionadas ao fato de não estarem aprofundando as análises, isto é, por decorrerem da adoção das ciências clássicas como fundamento epistemológico, que gera análises lineares. Portanto, a gramática descritiva pode fracassar em suas teorias pela assunção da ideia de língua-linha ou por tentarem descrever a totalidade da língua com base apenas nas regularidades que elas identificam, ao passo que nosso raciocínio e nossa linguagem não se guiam por impulsos sequenciais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, apresentadas as visões de autores relacionados à gramática tradicional e de outros da gramática descritiva sobre o assunto dos argumentos verbais, bem como apresentadas reflexões sobre a maneira de como as gramáticas abordam a questão dos modelos de predicação verbal, isto é, de como os verbos – palavras predicativas por natureza – são classificados segundo sua predicação, entende-se que a gramática tradicional precisa aprofundar e evoluir sua visão da predicação verbal no sentido de se aproximar mais da gramática descritiva, levar em consideração o léxico verbal e o sentido em que esses termos ocorrem nas mais diversas situações do cotidiano da língua portuguesa.

Entende-se, também, a necessidade de que alguns tópicos correlatos sejam aprofundados, como a distinção entre complementos verbais e adjuntos adverbiais, no sentido de se estudar se seriam classificações excludentes, se uma englobaria a outra ou ainda se ambas seriam subdivisões de uma categoria de classificação mais ampla ainda não conhecida ou estudada.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de & KATO, Mary Aizawa & NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 3. A construção da sentença*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Construção coletiva de gramáticas descritivas: refletindo sobre a experiência brasileira*. Revista da ABRALIN. v. Eletrônico, n. Especial, p.13-31. 1ª parte, 2011.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática texto, reflexão e uso: ensino fundamental, volume único*. 5 ed. São Paulo: Atual, 2016.
- CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.
- LEITE, Inézia Kaliane Torres & FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos. *Divergências conceituais: gramática normativa x descritiva*. Revista Graduando. nº 01, 2010.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LUFT, Celso Pedro. *Novo manual de português, gramática, ortografia oficial, literatura, redação, textos e testes*. 4 ed. São Paulo: Globo, 1997.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PASCHOALIN, Maria Aparecida & SPADOTO, Neuza Terezinha. *Gramática: teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 1996.

PERINI, Mário Alberto. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática completa Sacconi: teoria e prática*. 31 ed. São Paulo: Nova Geração, 2011.